

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CAMPUS DE LARANJEIRAS

**O PROJETO PARA A PEDREIRA DE LARANJEIRAS – SE:  
UMA CONCEPÇÃO DIFERENTE DE EXPERIÊNCIA  
DE PROJETO ARQUITETÔNICO**

**AUTOR:** VICTOR FRANCISCO DE SOUSA  
**ORIENTADOR:** PROFº. DR. FERNANDO ANTÔNIO S. DE SOUZA

LARANJEIRAS - SE

2016

**VICTOR FRANCISCO DE SOUSA**

**O PROJETO PARA A PEDREIRA DE LARANJEIRAS – SE:  
UMA CONCEPÇÃO DIFERENTE DE EXPERIÊNCIA  
DE PROJETO ARQUITETÔNICO**

**Autor:** Victor Francisco de Sousa  
**Orientador:** Prof.º Dr. Fernando Antônio S.  
de Souza

Trabalho Final realizado na matéria  
Trabalho de Conclusão de Curso II e  
apresentado ao Departamento de Arquitetura e  
Urbanismo como requisito obrigatório para a  
obtenção do título de Arquiteta e Urbanista.

LARANJEIRAS - SE

2016

**O PROJETO PARA A PEDREIRA DE LARANJEIRAS – SE:  
UMA CONCEPÇÃO DIFERENTE DE EXPERIÊNCIA  
DE PROJETO ARQUITETÔNICO**

VICTOR FRANCISCO DE SOUSA

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Fernando Antônio Santos de Souza (orientador)  
Profo. Dr. - Universidade Federal de Sergipe

---

Sarah Lúcia Alves França  
Profa. Ma. - Universidade Federal de Sergipe

---

José Walter Teles Chou  
Profo. Me. - Universidade Federal de Sergipe

NOTA: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer desta jornada, em especial: a minha família que sempre me apoiou nos estudos e nas escolhas.

Ao meu orientador Prof. Dr. Fernando Antônio Santos de Souza que teve papel fundamental na elaboração deste trabalho.

Aos meus amigos pelo companheirismo e disponibilidade para me ajudar em vários momentos.

## **RESUMO**

Na Pós-Modernidade os novos processos de concepção arquitetônica vislumbram alternativas diferentes e inovadoras, esses incorporam na sua essência a velocidade das mudanças que vem ocorrendo no mundo contemporâneo, entendem que a segurança e a previsão de um futuro para o projeto tal qual como se baseia o pensamento racionalista moderno não são mais eficazes no enfrentamento das demanda da sociedade atual. Essas novas formas de fazer arquitetura irão inserir a dúvida e a complexidade como princípios norteadores do projeto, absorvendo conhecimentos de outras áreas para lhes darem suporte nesse desafio. Nesse sentido o Projeto de Requalificação da Pedreira de Laranjeiras adota esses novos métodos de se projetar, pois sendo que no desenrolar do processo de concepção chegou-se a um caminho que se distinguiu do projeto tradicional racionalista funcional típico da era da máquina, estando mais próximo de uma experiência apoiada em outras áreas do conhecimento, em uma atividade tipicamente multidisciplinar, em consonância com as premissas da chamada Pós-Modernidade. Contudo, o Projeto de Requalificação da Pedreira visa buscar novos instrumentos para se projetar, além de lançar uma provocação acerca do que é reproduzido nas universidades, nas disciplinas de projeto principalmente que ainda está mergulhada na necessidade de se gerar um objeto arquitetônico em padrões modernos para se realizar como uma arquitetura de qualidade, permitindo assim abrir as portas para novas possibilidades ainda pouco exploradas, algo mais próximo da realidade que encontra-se fora dos muros da Universidade, uma realidade marcada por incertezas, sejam elas econômicas caso da concretização efetiva do projeto, ou mesmo sociais, representada na incerteza da apropriação do espaço pela população alvo.

### **PALAVRAS CHAVES:**

Arquitetura. Projeto. Era da máquina. 2ª Semana Cultural da UFS. Incertezas. Requalificação da Pedreira.

## **ABSTRACT**

In the Post-Modernity new architectural design processes envision different and innovative alternatives, these incorporate in essence the speed of change that is occurring in the contemporary world, understand that security and the provision of a secure future for the project as it is based the modern rationalist thinking are no more effective in coping with the demands of today's society. These new ways of doing architecture will insert doubt and complexity as guiding principles of the project, absorbing knowledge from other areas to give them support in this challenge. In this sense the Redevelopment Project of Quarry Laranjeiras adopts these new methods of design, because of which in the course of the design process came in a way that differed from the typical traditional functional rationalist design of the machine age, being closer an experience supported by other areas of knowledge, in a typically multidisciplinary activity, in line with the assumptions of the call Post-Modernity. However, the Redevelopment Project of Quarry aims to seek new tools to design, in addition to launching a tease of what is played in universities, design chairs mainly that is still steeped in the need to have an architectural object in modern standards for take place as a quality architecture, allowing you to open the door to new possibilities still not exploited in the gym, something closer to reality lying outside the University walls, a reality marked by uncertainties, whether economic case the effective implementation project, or even social, represented in the uncertainty of appropriation of space by the target population.

### **KEY-WORDS:**

Architecture. Project. It was the machine. 2nd Cultural Week UFS. Uncertainties. Requalification of the quarry.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Experimentos com fractais .....	22
<b>Figura 2-</b> Software de modelagem a partir de informações .....	23
<b>Figura 3-</b> Vista aérea da cidade de Laranjeiras-SE .....	26
<b>Figura 4-</b> Conjunto urbano tombado - Centro da Cidade .....	27
<b>Figura 5-</b> Funções portuárias junto ao Rio Cotinguiba .....	28
<b>Figura 6-</b> Localização da Pedreira .....	30
<b>Figura 7-</b> Planta da Pedreira- Localização dos acessos .....	31
<b>Figura 8-</b> Vista da Pedreira a partir do acesso 2 .....	31
<b>Figura 9-</b> Pedreira-Acessos .....	32
<b>Figura 10-</b> Cartazes da 2ª SEMAC-2014.....	33
<b>Figura 11-</b> Reconhecimento da área da Pedreira .....	34
<b>Figura 12-</b> Destaque das Igrejas de Santa Aninha à direita e do Bom fim à esquerda.....	34
<b>Figura 13-</b> Visita do grupo da oficina à Escola Municipal Alcino Manuel Prudente .....	35
<b>Figura 14-</b> Visita do grupo da oficina à Escola Municipal Alcino Manuel Prudente .....	36
<b>Figura 15-</b> Visita do grupo da oficina à Escola Municipal Alcino Manuel Prudente .....	36
<b>Figura 16-</b> Visita do grupo da oficina à Escola Municipal Alcino Manuel Prudente .....	37
<b>Figura 17-</b> Debate na tentativa de desenvolver um Programa de Necessidades .....	38
<b>Figura 18-</b> Apresentação de Requalificações de Pedreiras pelo mundo.....	39
<b>Figura 19-</b> Estudos e Experimentações do Processo .....	40
<b>Figura 20-</b> Estudos e Experimentações do Processo .....	40
<b>Figura 21-</b> Identificação das potencialidades de cada nível .....	42
<b>Figura 22-</b> Maquete representativa com identificação dos níveis .....	42
<b>Figura 23-</b> Maquete representativa com identificação dos níveis .....	43
<b>Figura 24-</b> Representação das potencialidades da Pedreira.....	47
<b>Figura 25-</b> Rizoma, Labirinto e Fragmento constituem um sistema flexível.....	47
<b>Figura 26-</b> Simulação: Espaços Potenciais e Sistemas.....	48

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2. PASSAGEM DO MUNDO DAS CERTEZAS PARA O MUNDO DAS INCERTEZAS</b> .....	11
2.1 O mundo das certezas: o iluminismo .....	12
2.2 A condição pós-moderna .....	13
<b>3. PRINCÍPIOS DE PROJETO DE ARQUITETURA</b>	
3.1 Na Era da máquina .....	16
3.2 Na Pós-modernidade .....	19
<b>4. O PROJETO DA PEDREIRA</b>	
4.1 Laranjeiras .....	26
4.2 A Pedreira .....	30
4.3 2ª Semana Cultural da UFS e a Oficina .....	32
4.4 O processo de concepção do projeto .....	33
4. 4. 1 A Pedreira enquanto demanda arquitetônica .....	41
4. 4. 2 Teorização: rizoma, fragmento, labirinto e sistemas .....	44
4. 4. 3 Resultados obtidos .....	46
<b>5. UM PARADIGMA DIFERENTE</b> .....	50
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	52
Referências Bibliográficas .....	53

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar o processo de concepção arquitetônica de “Requalificação da Pedreira” localizada em Laranjeiras-SE, desenvolvido na Oficina de Requalificação da Antiga Pedreira, realizada durante a 2ª Semana Cultural da UFS – 2014 -2, entre os dias 24 e 28 de novembro, deste mesmo ano. Trata-se da requalificação de um espaço degradado da Pedreira desativada situada em uma área urbana habitacional bastante carente de infraestrutura, especialmente de espaços públicos de qualidade. Embora a área da Pedreira esteja localizada em um sítio urbano de grande importância paisagística e social, este trabalho limitar-se-á a avaliação da concepção arquitetônica do mesmo.

O presente trabalho pretende estudar o pensamento contemporâneo cujas implicações têm transformado a arquitetura, exigindo, dessa forma, novas alternativas projetuais para a prática arquitetônica na contemporaneidade. Assim, além de analisar os procedimentos de projeto da Pedreira a partir das figuras de linguagem desenvolvidas por Paola Jacques Berenstein (2001) e o conceito de sistemas proposto por Raquel Tardin (2008), a concepção adotada para a elaboração do projeto de Requalificação da Pedreira foi analisada tendo como enfoque, digno de avaliação os procedimentos de projeto utilizados pelo Movimento Modernista com origem no pensamento Clássico da Arquitetura.

A época em que vivemos traz um grande desafio para a arquitetura. Esse desafio se insere junto às discussões que recaem sobre os métodos que melhor respondem à demanda vigente da sociedade acerca de espaços de qualidade. Essas discussões devem ter em sua essência o intuito de oferecer dispositivos para a modificação das condições de vida da população, vontade inerente desde muito no fazer da arquitetura, aspirando experiências novas de projetar e de intervir no espaço urbano, apresentando-se como resposta a elaboração de projetos arquitetônicos diferentes dos baseados na racionalidade tradicional, de caráter puramente técnico, realizados por prefeituras e órgãos descompromissados com os interesses da maioria da população.

Contudo, a proposta de concepção de novos espaços públicos deve acompanhar a velocidade e a multiplicidade que configuram a natureza da contemporaneidade. Sendo assim, essa proposta exige do profissional uma posição de aproximação maior com a realidade para interpretá-la da melhor forma possível, revisitando outros campos de conhecimento, em uma ação multidisciplinar.

Acredita-se, então, que não há mais fórmulas preconcebidas para a produção de um projeto neste século que se inicia, seja ele em Laranjeiras ou em qualquer outro lugar. Nesse

sentido, o conhecimento se une à ação para a construção de formas diferentes de intervenção do espaço urbano, a exemplo de iniciativas como o Ocupe Estelita e ações desenvolvidas pelo grupo Nomads da USP, por exemplo.

Este último grupo tem em seu bojo a produção de leituras sobre o espaço contemporâneo e para isso utiliza as ideias relacionando-as com diversas áreas do conhecimento. O grupo explora o desenho de espaços híbridos, que pressupõem a sobreposição de instâncias físicas e virtuais, em diferentes escalas, voltando-se também aos estudos de processos de criação dessas espacialidades arquitetônicas. Sua atuação foi assim como a do ocupe Estelita. Referências que ajudam a reforçar o pensamento que ações empreendidas nesse século e que devem ter o dever de servir mais como instrumentos que fortaleçam a resistência da população, do que projetos empreendidos a benefício puro do capital, vendidos através de discursos desenvolvimentistas, que escondem a sua verdadeira essência a de ataque à população pobre, a exemplo do Projeto empreendido pela poder público de Recife o “Projeto Novo Recife”.

Deve-se ressaltar também, a relevância da participação popular, principalmente a das décadas de 1980 e 1990. Ela é fundamental para entender o contexto atual, juntamente com os movimentos sociais que tiveram grande importância como elementos fundamentais na promoção das reivindicações e na tomada de espaços de luta necessários para assegurar as conquistas sociais. Assim, estes irão se mesclar a esse novo contexto do pensamento arquitetônico, em sua busca efetiva pela democratização do espaço urbano.

Assim sendo este trabalho explora as possibilidades do conhecimento arquitetônico, livre da intenção de produzir um objeto que tenha fim em si mesmo, mas que ultrapasse a produção simplesmente técnica e lance uma luz sobre novas concepções e ações de projeto arquitetônico no século XXI, e que possam servir de instrumento de resistência para as populações indefesas frente ao avanço da cidade neoliberal.

O projeto de Requalificação da Pedreira, em última análise, se revelou como uma provocação em relação ao modo de abordar a arquitetura em consonância com o tempo e suas nuances, diferente do que estávamos acostumados nas disciplinas de projeto arquitetônico durante a vida acadêmica, que acabam por reproduzir fórmulas repetidas incessantemente que já se mostram saturadas para os novos tempos. O processo desenvolvido na 2ª Semana Cultural da UFS, desse modo, possibilitou vislumbrar a Teoria Pós-Moderna como possibilidade de pensar e tentar propor novos rumos para a arquitetura e urbanismo.

Assim, no segundo capítulo, deste trabalho discorre-se sobre a passagem do mundo das certezas para o mundo das incertezas, no sentido de contextualizar o pensamento humano na

modernidade para, em seguida, no terceiro capítulo será analisado os princípios de projeto de arquitetura na Era da Máquina e na Pós-Modernidade, tendo em vista estabelecer referenciais para avaliação da concepção projetual objeto de estudo deste trabalho. No quarto capítulo, descreve-se o processo de projeto de Requalificação da Pedreira elaborado durante a oficina desenvolvida na 2ª Semana Cultural da UFS.

A avaliação da concepção projetual da Requalificação da Pedreira é realizada no quinto capítulo intitulado “Um Paradigma Diferente”. Finalmente, são apresentadas as considerações finais e a bibliografia adotada.

## 2. PASSAGEM DO MUNDO DAS CERTEZAS PARA O MUNDO DAS INCERTEZAS

Inicialmente, para tratar da passagem de um mundo centrado na racionalidade moderna de bases iluministas para um mundo marcado pela multiplicidade, incertezas e incredulidade em relação às grandes narrativas, deve-se analisar o que vem ocorrendo no pensamento da humanidade.

Durante o período que segue da segunda metade do século XVIII e início do século XIX, o discurso Iluminista dominou a vida política, econômica e social do mundo ocidental. Porém, com o fim do século XIX e início do século XX, as narrativas que pregavam a supremacia da racionalidade, do mecanicismo, da emancipação humana e do progresso científico, como redentoras da sociedade, começam a cair por terra.

O filósofo francês Jean Françoise Lyotard (2009) demonstra que as grandes narrativas modernas Iluministas e outras, na prática não davam mais conta das demandas da sociedade nesse início de século. Nessa esteira, ao mesmo tempo em que a razão e o progresso científico melhoraram as condições de vida das pessoas, promovendo a cura de doenças e a melhoria da educação, trouxeram crises econômicas, as armas de destruição em massa e os regimes totalitários do século XX.

Nessa perspectiva, o ceticismo contemporâneo acerca desses discursos que visam os consensos universais representa bem a cultura Pós-Moderna, embora autores como Jurgen Habermas (1983) pensem diferente. Este último acredita que a modernidade ainda não cumpriu o seu papel, e o que foi visto foi a má aplicação da racionalidade de bases Iluministas.

Harvey (2013, p.293), para quem o surgimento das sociedades modernas estava diretamente ligado com a formação do capitalismo - concordando com o esgotamento do Iluminismo - complementa sobre essa questão, afirmando que o legado do pensamento racional iluminista, quando esclarecido e compreendido, trata-se do triunfo e esvaziamento da racionalidade proposital-instrumental.

Ainda para Harvey (2013), as mudanças que vem ocorrendo estão ligadas ao processo de acumulação do capital. O autor entende que são transformações importantes na economia mundial. Assim, assiste-se a passagem do regime de acumulação conhecido como fordista para um novo modelo que o mesmo reconhece como flexível.

De fato, essa forma de racionalidade acabou por afetar todos os planos da vida social, abrangendo até a sua base econômica. O desenvolvimento dessa racionalidade não é a

realização concreta da liberdade universal, mas a criação de uma jaula de ferro da racionalidade burocrática da qual não há como escapar, acrescenta (BERNSTEIN, 1985 *apud* HARVEY, 2013). Desse modo, o esgotamento do mundo das certezas, o Iluminismo, põe fim à precisão da Era da Máquina e abre o espaço para o momento das incertezas na Pós-Modernidade, que marca o horizonte do novo século, sucedendo o mundo regido pela certeza e pela confiança no rigor da ciência, o mundo das certezas.

## 2.1 O mundo das certezas: O Iluminismo

Segundo (CASINI, 1994 *apud* MASI, 2013, p.121), Rousseau definiu o termo Iluminismo como sendo “o uso laico da razão na busca filosófica e científica, até se tornar a palavra de ordem de uma elite de intelectuais que se sente investida em uma missão: promover o saber antimetafísico fundado no sucesso do método experimental, banir os preconceitos e as superstições, um triunfo do espírito de tolerância difundindo a educação e a cultura em todos os estratos sociais”.

O Iluminismo lançou as bases para o mundo que conhecemos. Ele retirou do transcendental as explicações do mundo concreto para explicar o universo, não é mais necessário Deus e as escrituras sagradas, basta a ciência, a demonstração racional e o experimento empírico que suplantam a metafísica e a teologia e as leis da natureza.

O Iluminismo tendia decididamente para o cientificismo, entendido – para usar as palavras de Todorov<sup>1</sup> – como ‘uma doutrina filosófica e política, nascida com a modernidade, que se desenvolve a partir da premissa de que o mundo é inteiramente conhecível, logo, também, transformável conforme os objetivos a que nos propusermos, por sua vez, deduzidos diretamente desse conhecimento do mundo: é nesse sentido que o bem deriva da verdade’ (TODOROV *apud* DE MASI, 2013, p.136).

De acordo com De Masi (2013), as bases que se transformaram em leis do iluminismo, profundamente apoiadas pela razão humana, suplantam aquelas consideradas divinas; o consenso dos governados e o contrato social substituem o direito divino do absolutismo; a liberdade, a autonomia e o trabalho agora são fonte do bem-estar, eles substituem o direito hereditário.

O advento dessas leis que De Masi (2013) se refere só irá tomar o lugar do mito e da imprecisão apenas a partir do século XVI, com Leonardo da Vinci (1452-1519) e nos séculos seguintes quando Galileu Galilei (1564-1642) e Isaac Newton (1643-1727), de fato, serão responsáveis por descobrirem as regras da precisão. No século XVIII, os iluministas trarão

---

<sup>1</sup> – Tzevetan Todorov, filósofo e linguista Búlgaro em seu livro *O espírito das Luzes*, edição 2006.

esses instrumentos de precisão à vida cotidiana e do trabalho, estabelecendo, dessa forma, as bases da sociedade industrial, marcando a Era da Indústria.

O desenvolvimento de organizações sociais e de modos racionais eram os requisitos para libertação das irracionalidades e do mito, bem como do lado sombrio da nossa natureza. Só por meio da aplicação da razão nesse projeto moderno, poderia se atingir as qualidades universais, eternas e imutáveis da humanidade a que o futuro reservava.

Os ideais Iluministas irão estar presentes nas revoluções Liberais do século XVIII da França aos Estados Unidos e na Independência brasileira. Entre os valores cultivados pelos Iluministas estão o internacionalismo, que se opunha a todo tipo de nacionalismo defendendo o fluxo livre de pessoas tal quais os dias de hoje acontece com as pessoas e com a informação. As pessoas se tornaram verdadeiros cidadãos do mundo. A ideia era usar o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livremente e criativamente a fim de obter a emancipação humana e o enriquecimento da vida diária. O domínio científico da natureza era uma promessa de se livrar da escassez, e das calamidades naturais. Anos mais tarde essas promessas se mostrarão demasiado complicadas para o projeto moderno, inviabilizando a concepção de produtos acabados prospectados com uma certeza futura.

## **2.2 A condição Pós-Moderna**

A Pós-Modernidade é um léxico polissêmico e confuso. Neste trabalho, adotaremos o vocábulo com o sentido que Jean-François Lyotard (2009), Fredric Jameson (1996) e David Harvey (2013) lhe atribuíram. Lyotard (2009) entende esse momento como o fim das meta narrativas, das grandes explicações de mundo. Para Jameson (1996), trata-se da fase cultural do capitalismo tardio. E, finalmente para Harvey (2013), a Pós-Modernidade é a expressão cultural marcada pela transição do regime de acumulação capitalista fordista industrial para o regime capitalista flexível.

Por outro lado, Ascher (2010 *apud* SOUZA, 2010), acompanhando o pensamento do filósofo Jürgen Habermas, contribui para a discussão afirmando que a modernidade possui três fases. A primeira fase, a alta modernidade – o paleourbanismo e as primeiras utopias que vão da Idade Média até o começo da Revolução Industrial, é acompanhada pelas seguintes transformações:

- do pensamento e do lugar na religião na sociedade;
- da política com a sua emancipação e a emergência do Estado-nação;
- das ciências e seu desenvolvimento;

- do capitalismo mercantil de forma progressiva, e em seguida do industrial.

Na segunda fase do Modernismo, a média modernidade – a revolução urbana e os seus modelos que deram o nome ao urbanismo - é a época da Revolução Industrial. Esta fase é acompanhada pelas seguintes inovações:

- a produção de bens e serviços passa a ser subordinada à lógica capitalista;
- o pensamento técnico passa ocupar o lugar central na sociedade;
- o Estado do bem-estar social se constitui.

A terceira fase, a chamada baixa modernidade – é representada pela revolução urbana e fez emergir novas atitudes diante do futuro, novos projetos, modos de pensar e ações diferenciadas (ASCHER, 2010 *apud* SOUZA, 2010).

Nesse momento, de acordo com Ascher (2010) essa terceira fase é representada por uma sociedade mais racional (tecnológica), e pela emergência de uma sociedade de hipertexto<sup>2</sup> e de um capitalismo industrial cognitivo.

Ainda segundo o autor, a modernidade não seria um estado, mas um processo de constante de transformação. São mudanças que estão ocorrendo desde o século XX e XXI, e continuam se verificando. Elas correspondem ao surgimento dessa terceira fase da modernidade, denominada também como Modernização Reflexiva. Não obstante, entende-se que tais transformações estão criando uma “sociedade mais altamente racionalizada, mais individualista e mais diferenciada” (ASCHER, 2010, p.30).

Nesse contexto, estão se desenvolvendo novos procedimentos científicos e uma maior utilização das técnicas, que faz da sociedade, uma sociedade do risco e de incertezas. Há, sem dúvida, um movimento para a autonomia crescente entre os limites espaciais e temporais; percebe-se uma individualização ascendente, e uma diferenciação social com tendências progressivas de grande complexidade (ASCHER, 2010 *apud* SOUZA, 2010).

Na atualidade a qualidade e a velocidade do retorno da informação são decisivas e se originam de técnicas novas de monitoramento que superam as usuais planilhas gerenciais, próprias dos planejadores modernos, que ainda é praticado até então, estabelecendo assim formas diferentes de enfrentar a realidade. “O conhecimento não está mais separado da ação, mas está dentro dela”. (ASCHER, 2010, p.30, grifo do autor).

---

<sup>2</sup> ASCHER, François, Les nouveaux principes de l'urbanisme. La fin des villes n'est pas à l'ordre du jour, Éditions de l'Aube, 2001, La Tour d'Aiguës, Éditions de l'Aube, 103 p.

Esse entendimento associado às teorias emergentes de filósofos como Foucault, Lyotard, Baudrillard, Deleuze, Guatari e Derrida vão ser decisivos para o surgimento de novos procedimentos de projeto, especialmente aqueles relacionados com os projetos sociais de arquitetura, na medida em que a sociedade de risco, de incerteza, inviabiliza a formulação de projetos futuros acabados, como praticados no modernismo.

Próximo a essa compreensão, Bauman (2000, p.35) se refere a “modernidade líquida”, acreditando que não existe uma totalidade predominante, corroborando com as incertezas que nos encerra, impedindo a previsão racional do futuro. É dessa forma, que o conhecimento não pode mais estar separado da ação. Assim, na medida em que a sociedade se torna complexa e plural, emerge a subjetividade relacionada com os discursos universalizantes como fator de enfrentamento do relativismo próprio do momento de incertezas e riscos.

### **3. PRINCÍPIOS DE PROJETO DE ARQUITETURA**

Como tratado no capítulo anterior atualmente presenciamos um período de radicais transformações no âmbito da percepção, concepção e prática da arquitetura. Tais mudanças atingem áreas diversas desde a economia até as manifestações culturais. Aos poucos se deixa para trás os resquícios de uma era marcada pelo controle, pelo desejo de segurança e pelo domínio racional sobre um projeto de futuro.

Trata-se de uma transição que, no campo da arquitetura, culmina em uma gradual passagem da produção arquitetônica da chamada Era Industrial, ou Era da Máquina, para uma concepção de arquitetura que transita em meio a um ambiente caótico e de crises perpétuas, imprevisíveis para o método racionalista que preza por explicações definitivas com base no sentido de presença e visando sempre um objeto que solucione problemas presentes.

Nesse sentido, é importante, para a avaliação do processo de concepção da Requalificação da Pedreira, diferenciar os princípios de projeto arquitetônico que dominaram a Era da Máquina, e ainda estão presentes no ato de projetar, dos princípios que estão efervescendo na atual Pós-Modernidade a que estamos submetidos.

#### **3.2. Na Era da Máquina**

A arquitetura modernista está intimamente relacionada à corrente funcionalista do pensamento da humanidade. Em princípio, é fundamental destacar que o funcionalismo corresponde a um pensamento dominante em diversos campos do conhecimento, que se desenvolveu durante o século XIX e início do século XX e influenciou a arquitetura, dotando-a de um racionalismo funcionalista que vai acompanhar todo o movimento ao longo dos séculos.

Segundo Grillo (2007), o período compreendido entre o século XVIII e primeira metade do século XIX, representa um período de grande avanço para as ciências naturais. Inúmeras pesquisas que surgem nesse período, especialmente na área do Evolucionismo, em um contexto, onde a interpretação do gênesis ainda era a base para as explicações para o que acontecia na realidade concreta. A ciência promovia mudanças radicais nesse cenário, orientada pela razão e pela investigação empírica, irá abalar as mais diversas áreas do conhecimento.

Nesse período, acontece o traslado de conceitos biológicos provenientes das ciências naturais para diferentes campos do conhecimento, ressonando na filosofia das artes e estética, assim como nas disciplinas práticas e técnicas, no caso da arquitetura.

Os conceitos das ciências naturais, caso do funcionalismo irá influenciar e muito a compreensão da arquitetura nesse momento. De acordo com Grillo (2007, p.2), na arquitetura o funcionalismo passará a ser frequente, por exemplo, os provenientes das pesquisas biológicas, principalmente as os do século XIX, das teorias evolutivas de Baron Cuvier (1769-1832) e também nas descobertas de Charles Darwin (1809-1882) em seu *A Origem das espécies*, foram adotados nas estratégias de invenção e interpretação, de maneira mutante, de metade do século XVIII até século fins do século XX. Essas pesquisas serviram para a analogia entre arquitetura e os organismos, sendo retirados desses estudos, os conceitos como a ideia de forma e função, que nas pesquisas de Cuvier representava a função a que o organismo vivo desempenharia e que irá caracterizar, assim, a sua forma, na interpretação da arquitetura estaria representada no axioma de que a função determinará a forma do projeto.

Dentre os conceitos adotados, destaca-se o de “Organismo”; conceito que pode ser interpretado como um elo entre a visão clássica e a visão moderna da natureza. As primeiras ideias pertinentes a esse conceito começaram a surgir em 1800, na literatura de Wolfgang von Goethe (1749-1832) e na poesia de August Wilhelm von Schlegel (1767-1845); suas analogias entre arquitetura e natureza ditaram em grande parte a pauta das discussões sobre o tema ao longo do século XIX, sobre tudo na Alemanha. O organismo irá conjugar o atributo da unidade e totalidade orgânicas presente na visão romântica da natureza com a racionalidade estrutural que vinha se desenvolvendo na França do século XVIII (GRILLO, 2007).

O termo orgânico foi muito empregado ao longo do século XIX, fazendo-se presente de maneira persistente no debate sobre as relações da arquitetura e da natureza, a técnica e o estilo. Neste momento, o orgânico será utilizado na compreensão e classificação dos estilos e como inspiração e justificativa de modelos. O conceito de orgânico será argumento para invenção de formas e interpretação da arquitetura, mas restrito ao marco dos estilos existentes. Antes do século XX, este conceito não se reflete em uma semelhança com formas orgânicas, nem se configurará como um estilo particular, será um organicismo não estilístico (GRILLO,2007).

Na Modernidade, o pensamento iluminista e o avanço das ciências naturais, em especial da geometria, e, sobretudo do pensamento funcionalista “padronizaram” o processo projetual modernista influenciado pelo classicismo na arquitetura. O projeto arquitetônico em formas de plantas é a resposta às necessidades futuras, tendo inerente a sua necessidade de compreender a função a que o projeto é direcionado, mas para isso precisa-se de um eixo ou

um programa norteador, a fim de realizar a pretensão projetual de obter a “verdade” ou mesmo a essência da verdade projetual.

De acordo com Pedreira (1998), o programa de necessidades seria a relação de todos os cômodos, ambientes, ou elementos arquitetônicos previstos para um edifício. Ele traduz sob forma de um elenco de elementos os espaços onde se desenvolverão as funções e atividades previstas para o projeto, sendo tantas funções quantas forem as atividades ou grupos de atividades que se relacionam entre si, visando o atendimento do planejamento.

A relação entre os elementos de um programa torna-se, então, um momento importante para a adoção do partido arquitetônico. Partido este que surge como “ideia mãe” que vai conferir totalidade ao projeto arquitetônico. A totalidade se caracteriza pela relação harmônica e funcional existente entre os elementos. Essa funcionalidade, por sua vez, condiciona as disposições espaciais desses elementos no terreno e na totalidade do projeto (PEDREIRA, 1998). E ainda explica que essas relações funcionais de maior ou menor intimidade, ou de afinidades, podem ser expressas de maneira gráfica, num diagrama, demonstrando o grau de afinidade entre as partes que formam o todo, é, para ele, o funcionograma, ou seja, o diagrama das relações funcionais dos elementos do programa.

Em Martínez (2000), encontra-se que os elementos do programa devem ser cuidadosamente estudados, e cada parte colocada devidamente em seu lugar, em busca de uma unidade, definindo o modo como o programa é expresso pelos seus diversos serviços, deve se submeter a uma configuração própria, natural: conhecida como ideia - mãe, a qual as ideias secundárias se organizariam por si mesmas, conferindo uma forma própria à edificação. O arquiteto, assim em razão de ser o autor da ideia mãe ou partido arquitetônico, também é o dono do programa: o projeto. Em Martínez (2000, p.13), “as plantas correspondem aos documentos aptos para orientar a construção, sendo o projeto o desenvolvimento de um anteprojeto”. O processo consiste assim na passagem de etapas de maior generalidade para etapas de maior definição.

O programa na Era da Máquina é de fato colocado como o princípio vital de projeto, o eixo condutor principal, sem o qual não haveria como conceber arquitetura, princípio dominante na arquitetura modernista e na academia. Segundo Martínez (2000 *apud* SOUZA, 2016), esse método de ensino, que remete ao teórico Viollet Le Duc (1814-1879), onde o projeto se inicia de uma planta e dela o resto é deduzido, a planta é a norteadora e indicará as partes que serão eliminadas e as que serão acrescentadas, em um jogo de composição, até se chegar a um momento onde não se pode mais alterar esses elementos.

Em Banham (2003, p. 26), encontramos que essa ideia de composição arquitetônica a qual Le Duc descreve, antecede o teórico francês, e está presente na concepção clássica da teoria ensinada pelo professor da J.N.L. Durand (1760 – 1834), o arquiteto dizia:

“Um edifício completo qualquer não é, e não pode ser outra coisa, senão o resultado da montagem e reunião (composição) de um número maior ou menor de partes”.

Segundo Martínez (2000 *apud* SOUZA, 2016), a composição se tornará na Era da Máquina a regra geral, uma vez que a sociedade industrial emergente demandava novas edificações a todo o momento.

Nesse tipo de projeto, a racionalidade irá idealizar mentalmente e graficamente, através de plantas, um determinado objeto que será fabricado, no caso da arquitetura será construído. Observa-se nessa concepção um mundo dominado pela razão, cujo o progresso é capaz de ser orientado por meio da idealização para uma situação futura de um problema atual, projetado à luz da ciência (SOUZA, 2016, p.3).

Claramente, a arquitetura produzida nesse contexto, tem a necessidade de ter obrigatoriamente um projeto ou objeto final racionalizado e funcional, tal qual um produto industrializado. O projeto na Era da Máquina era assim formado por uma grande quantidade de informações predominantemente geométricas que serviriam como instrução para a construção do produto idealizado. Essa afirmativa está evidenciada na analogia feita pelo arquiteto Le Corbusier (1887-1965), demonstrando a ideia do projeto como uma máquina: “A casa deveria ser bonita e confortável, mas também lógica, funcional e eficiente uma ‘máquina de morar’, perfeitamente apta para atender às necessidades dos ocupantes”.

Esses processos foram sistematizados na academia e nos manuais que formam e orientam os futuros arquitetos de nossa época. São procedimentos que são conduzidos, de forma consciente ou mesmo inconsciente, por teorias que configuram a proposta em sua totalidade, conferindo-lhe uma harmonia e aparência estilística. Esses procedimentos continuam até hoje coexistindo com novas formas alternativas de projetar como é caso do grupo “Nomads” de professores da USP.

## **2.2 Na Pós-Modernidade**

A Contemporaneidade é um período de alta complexidade que está presente na arquitetura identificada como Pós-Moderna ou Arquitetura da Era Pós-Industrial.

Esta arquitetura complexa incorpora às suas atribuições novas formas de atender a demanda da população, diferente da arquitetura da Era da Máquina voltada à produção industrial fordista. Nessa perspectiva, as novas teorias da Pós-Modernidade, e seus filósofos,

com destaque para os representantes do Pós-Estruturalismo, apresentam-se como um novo horizonte para o projeto (MONTANER, 2007).

As transformações que vêm ocorrendo no mundo do pensamento contemporâneo parecem ainda pouco ressoar dentro da academia que permanece submetida ao pensamento racional funcionalista e seus métodos próprios da Era da Máquina. As teorias contemporâneas tais como a fenomenologia, o marxismo e o pós-estruturalismo, que de acordo com Marilena Chauí (2001), tratam-se de uma ruptura epistemológica, irão inserir no pensamento Pós-moderno, novas possibilidades críticas da realidade que passaram despercebidas, ou mesmo foram ignoradas pela ciência e pela filosofia da Era da Máquina.

Diante desse ambiente de rupturas e de aumento da complexidade que caracterizam a sociedade Pós-Moderna, projetar visando uma realidade futura, concebida fundamentada nas certezas iluministas, não cabe mais no mundo atual ou pelo menos merece desconfiança. Ideias universais, quando aplicadas às diferentes realidades de mundo que se expressam nos mais diversos contextos sociais, não respondem mais às demandas que emergem da contemporaneidade, tornando-se, assim ineficazes.

A ruptura epistemológica, em última análise, aceita a pluralidade do pensamento e a fragmentação do conhecimento. É o fim das grandes explicações do mundo e conseqüentemente do pensamento único. Predomina, dessa forma, as incertezas em meio a uma economia capitalista financeirizada e globalizada emergente. Tudo indica que tal situação marca uma nova fase da existência humana.

Para Bauman (2000) essa modernidade é líquida e o futuro incerto. Trata-se de conhecimentos fragmentados e dispersos nas várias manifestações culturais que não formam mais totalidades. Esse autor esclarece: “já não acreditamos que houve alguma vez totalidade primordial, tampouco uma totalidade final que nos espere no futuro” (BAUMAN, 2000 *apud* GIMÉNES, 2013, p.11). Esse pensamento coincide com as colocações de Ascher (2010), sobre as incertezas do mundo, apesar de para ele não se tratar de uma nova fase do conhecimento, e sim de uma continuidade intitulada de terceira fase da modernidade.

Nessa nova fase, a da economia mundializada, a produção da riqueza aparece flexibilizada em relação à acumulação fordista na qual o *locus* privilegiado da acumulação deixa de ser a produção e consumo em massa comandada pela máquina, para uma produção diversificada, descentralizada e individualizada, centrada no serviço. Assim, a lógica de mercado capitalista passa a ser o consumo ilimitado, orientado por uma estética em constante renovação provocadora do desejo e por uma inovação tecnológica sem fim. Ambas serão

comandadas pelas mídias cuja propaganda renova *ad infinitum* os apelos de consumo. (SOUZA, 2016).

Expressa-se na arquitetura neste momento de transição a libertação dos cânones modernistas, essa liberdade de expressão, fundamentalmente estética, vai ser apropriada pela nova economia do consumo sem limites como forma de atração do capital e dinamização de áreas urbanas. É a chamada arquitetura da sociedade espetáculo de Debord (1997) trata, que na arquitetura privilegia os arquitetos de renome internacional como meio de atrair recursos e investimentos.

Essas transformações se traduzem por uma nova fase caracterizada pelo esgotamento das crenças da Era da Máquina e com ela a morte dos princípios racionais funcionalistas que prevaleceram na concepção da Arquitetura Modernista, embora o pensamento pós-Era da Máquina, do ponto de vista teórico, ainda não seja recorrente na academia.

Nessa revolução do pensamento arquitetônico, o arquiteto Peter Eisenman, assim como outros, terá uma contribuição significativa. No seu texto da década de 1980, *Blue line*, ele traz uma visão sobre esse panorama dos princípios da arquitetura.

Eisenman (2001), começa trazendo que os princípios modernistas derivaram da filosofia de Hegel. Os fundamentos desenvolvidos em “Discursos sobre Estética” de Hegel evoluíram para a ruptura modernista em relação à tradição clássica. O fato de, em arquitetura, esses termos terem permanecido sem questionamento, livres de análise crítica, indica que o domínio da metafísica da dialética permanece poderosamente inalterado.

Eisenman (2001), continua com a constatação dessa efervescência em outras disciplinas no final do século XX e início do XXI, acarretou em mudanças extraordinárias, (caso da Ciência e da Filosofia). Porém, esse impacto não encontrou eco na arquitetura contemporânea. Por sua vez, esta ficou engessada, ou seja, não se permitiu o questionamento crítico de seus conceitos e princípios como ocorreu com as a ciência e a filosofia.

O motivo para essa imobilidade para Eisenman (2001), possivelmente se revela, no fato da arquitetura nunca ter elaborado uma teoria apropriada sobre o Modernismo, compreendida como ideias que trabalham junto a incertezas intrínsecas e com a alienação da condição moderna. A arquitetura sempre acreditou que pisava em solo cercado de certezas, na visão utópica do século XIX e na Filosofia. Essa visão, porém não pôde mais se sustentar.

Todas as disciplinas especulativas, tal qual como artes, teologia, literatura pintura e música, já se reinventaram e criaram seu mundo próprio, de acordo com seu modo, aceitando a desagregação por qual passaram. O pós-modernismo ignorou a tarefa da busca pela busca da aura perdida do autêntico, do verdadeiro e do original, ignorou essa importante tarefa. (EISENMAN, 2001, p.2)

O saldo dessa atitude da arquitetura foi a concepção de objetos que tentam parecer que não foram produzidos em massa. É dessa forma que o Pós-Modernismo, nas palavras de Eisenman (2001), destrói sua essência, sua própria razão de ser.

A pergunta que se faz nesse contexto é o por que a arquitetura encontra tanta dificuldade em se posicionar diante do denominado domínio Pós-Moderno?

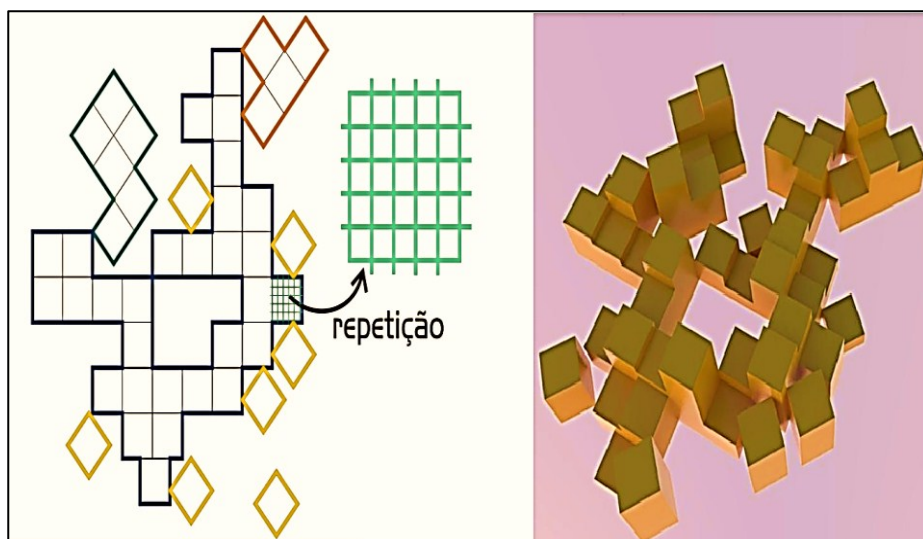
Porque a arquitetura em sua essência não está adaptada em se deslocar, pois a essência de sua atividade é a de se “locar”. A arquitetura não especula meramente sobre a gravidade, mas age a favor e a fim de vencê-la, daí sua necessidade de presença objetiva dentro dos termos da realidade, sempre obrigada a simbolizar esses preceitos e seu funcionamento, como concebedora de abrigos e retiros. (EISENMAN, 2001, p.3)

Atualmente de fato, a arquitetura se encontra com um desafio enorme, que é como já dito, deslocar o que ela situa/loca, devido a importância do objeto arquitetônico do aqui e agora, constitui, um desafio paradoxal não experimentado por outras disciplinas.

Mas Eisenman (2001), traz que é possível atuando em sentido contrário criar arquitetura que inclua as instabilidades e deslocamentos que hoje constituem a realidade, e não um mero sonho de uma verdade perdida.

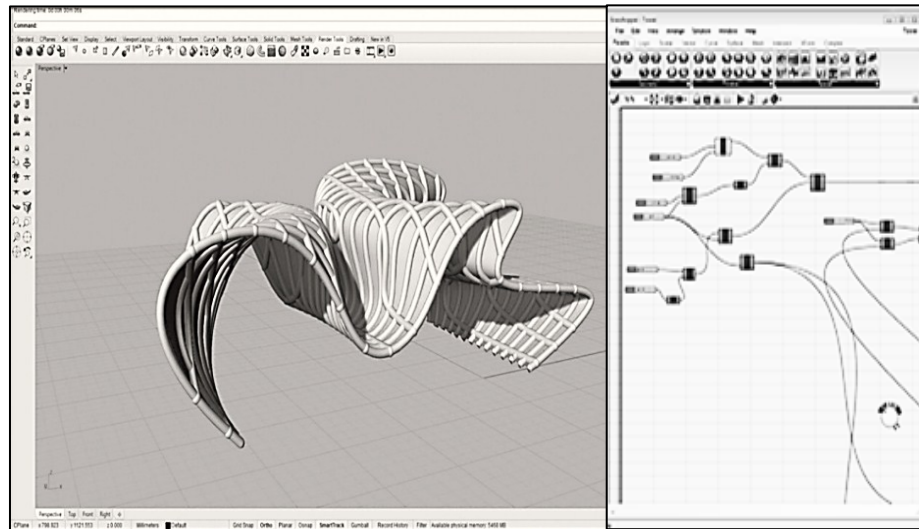
A revolução tecnológica digital em curso, associada a essas transformações, vai permitir à arquitetura a incorporação de novas geometrias fractais e topológicas, revolucionando a representação de projeto e as formas adotadas nas edificações (figuras 1-2).

**Figura 1:** Experimentos com Fractais



**Fonte:** <https://kamilladesouza.wordpress.com/2011/05/03/experimentando-os-fractais/> acessado em 06/05/2016 as 15:00

**Figura 2:** Software de modelagem a partir de informações



**Fonte:** ADAPTAÇÃO DE [http://cumincad.scix.net/data/works/att/sigradi2013\\_200.content.pdf](http://cumincad.scix.net/data/works/att/sigradi2013_200.content.pdf)  
 acessado em 06/05/2016 as 15:00

As inovações aceleradas dos recursos tecnológicos na atualidade, expandiu novos territórios de exploração conceitual, tectônica e morfológica, baseado na hipótese de que a otimização do exercício ocorre gradualmente através de processos que operam fatores de complexidade. (SCHEEREN; SPERLING, 2007)

Essa transição nos processos de desenho de produção através da inserção de novos dispositivos terá nos anos de 1990, um momento de fratura conceitual no qual as condições do debate se modificaram. De acordo com Braham ( 2003 *apud* SCHEEREN; SPERLING, 2007) com a passagem do Pós-Modernismo, a noção Deleuziana de diagrama inseriu-se na arquitetura e estimulou mudanças do conceito de “tipo” para o de “diagrama”, rendendo projetos conectados com a acelerada alteração das condições de geração formal e programática da arquitetura.

Para Deleuze o diagrama seria uma máquina abstrata, a emergência de um outro mundo, a possibilidade do fato, não o fato ele mesmo. Por essa ótica, o diagrama como vir-a-ser é prévio a qualquer objeto e por isso não o representa, mas se constitui como sua possibilidade. Na Filosofia da matemática, Russell (1923) aproxima as linguagens sequenciais e os diagramas quanto ao seu caráter relacional, diferindo-os porém quanto à forma. As primeiras, que fazem uso apenas de relações de concatenação por meio de uma sintaxe complexa compensatória, e os segundos, que fundamentalmente utilizam relações espaciais, diretas e intuitivas, para a representação-criação de relações espaciais do objeto (SCHEEREN; SPERLING, 2007, p.2)

Picon (2010), localizando a questão da forma como inseparável ao problema da concepção, esclarece que o diagrama tornou-se alternativa à composição tipológica nessa

época, permitindo capturar relações ativas entre forças e processos de emergência da forma arquitetônica.

O diagrama não é um simples desenho, sendo compreendido como um dispositivo gráfico e representacional: uma estratégia de visualização que mostra relações que, na arquitetura, se afastam de expressões tipológicas pré-determinadas. Como esquema geral de ideias e, por vezes, expressão de uma abstração ideal, é capaz de transmitir o *pensamento* do autor através de informações, constituindo ferramenta para atingir esta condição estruturada que contenha características inerentes à distintas representações. [...] Configurada com método operativo, parte de determinados critérios e torna-se meio para visualizar e organizar relações complexas entre forma não acabada e processo, convertendo-se em instrumento conceitual capaz de agir sobre si e modificar-se recursivamente. É neste sentido que a matriz Deleuziana enfatiza o fator não representacional do diagrama, já que este é considerado vir-a-ser, dispositivo geracional ou enunciação, a possibilidade do fato e não uma representação posterior do objeto. (SCHEEREN; SPERLING, 2007, p.5)

O principal conceito de diagrama, é assimilado como “um conjunto de relações flexíveis entre forças”, nunca enquanto uma estrutura – hierárquica, estática e com ponto de partida. Para ele, o diagrama é tanto um dispositivo analítico - estruturando informações -, quanto generativo - intermediário no processo de geração do espaço -, sem oferecer a correspondência necessária entre si mesmo e a forma resultante (SCHEEREN, 2003).

É importante ressaltar que os diagramas apesar de seu grande destaque, não é mais exatamente uma novidade, pois antes de Toyo Ito em 1996 sugerir a existência de uma arquitetura-diagrama segundo Duarte (2012), em 1963, Peter Eisenman com sua tese “*The formal basic of modern Architecture*”, usa o diagrama para tratar de forma e linguagem, construindo um caminho para escapar do dilema da arquitetura moderna que tratava o diagrama como algo determinístico e linear de cunho funcionalista. Mas o diagrama servirá para exemplificar aqui esse novo cenário teórico da era pós-industrial e os processos de concepção que se abrem e constituem o projeto na contemporaneidade, mas não nos aprofundaremos mais nesse debate por enquanto, deixando essa discussão para pesquisas posteriores.

Entre muitas dessas nuances teóricas exploradas na Pós-Moderna irá haver espaço também para questionar principalmente os projetos voltados para área social, com o objetivo de lançar uma luz sobre o tema, a fim de atender a demanda de segmentos menos favorecidos da sociedade. Em um grande desafio atual, posto que o projeto da Era da máquina já não consegue mais responder vista a desconfiança, a incerteza e o cenário neoliberal na qual o arquiteto se encontra.

Para Montaner e Muxi (2001), no contexto em que a profissão de arquiteto se demonstra ambígua e ambivalente. O arquiteto tendeu a se transformar em um servente dos

interesses do poder privado e da ideologia do poder público. Isto anula intrinsecamente e acaba limitando sua atuação a fim do desenvolvimento de uma cultura crítica, pois se faz em um contexto de uma sociedade Neoliberal.

Embora continue a defender o seu papel cultural e social, há, na verdade, certo tipo de prática da profissão que se tornou incompatível com o desenvolvimento do exercício da crítica, o arquiteto que foge a lógica Neoliberal e tenta retomar o caminho de uma cultura crítica, arrisca-se a ficar sem sua fonte de trabalho. Embora o arquiteto continue a defender seu papel cultural e social. (MONTANER; MUXI, 2001, p.35).

A crise na profissão assim é, na realidade, um desajuste entre cultura e formação do arquiteto e aquilo que a sociedade Neoliberal demanda dele, da contradição entre um modelo universitário de formação de elites e o processo de democratização do acesso à universidade. (MONTANER; MUXI, 2001).

É neste contexto que as teorias pós-modernas, especialmente os filósofos ditos Pós-Estruturalistas, como Foucault, Deleuze e Guatari, ganharam espaço nessa discussão e, portanto, serão de enorme valor para o enfrentamento dos desafios impostos para a concepção da arquitetura na Era Pós-Industrial.

Enfim, o que predomina hoje, sem dúvida, é uma pluralidade de concepções de projeto no lugar do racionalismo único adotado anteriormente (NESBITT, 2006). Nesse sentido, as ideias organizadas em diagramas (EINSENMAN, 2008; BERNARD TSCHUMI, 2008; GREG LYNN, 2009) como meios de organização da concepção arquitetônica, parecem substituir as etapas e procedimentos da era fabril.

## 4. O PROJETO DA PEDREIRA

Este capítulo abordará o contexto e processo de concepção do projeto arquitetônico de requalificação da Pedreira de Laranjeiras, objeto de estudo deste trabalho.

### 4.1 Laranjeiras

Laranjeiras é uma cidade histórica - monumento tombado pelo IPHAN, e ao mesmo tempo é uma cidade dormitório - satélite de Aracaju (Ver figura 3). A sede do município foi tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na categoria de “Conjunto arquitetônico e paisagístico” (Processo IPHAN: 1288-T-89 de 18/06/1996)(Ver figura 4) . Na categoria de bens isolados, foram tombados a Capela Jesus, Maria, José do Engenho do mesmo nome; a Casa de residência e capela de Santo Antônio, do Engenho Retiro; a Igreja de Nossa Senhora da Conceição; e a Igreja Matriz do Coração de Jesus.

**Figura 3:** Vista aérea da cidade de Laranjeiras-SE



Fonte: [www.prefeituradelaranjeiras.se.gov](http://www.prefeituradelaranjeiras.se.gov)

**Figura 4:** Conjunto Urbano tombado: Centro da cidade



**Fonte:** [www.prefeituradelaranjeiras.se.gov](http://www.prefeituradelaranjeiras.se.gov)

A cidade está localizada a 18 km da capital do estado de Sergipe e integra o território da Grande Aracaju. Atualmente, é constituída pelo núcleo histórico que deu origem a cidade, cercada por uma periferia ocupada por uma população pobre, carente de infraestrutura e dos serviços indispensáveis à reprodução da vida. O conjunto urbano histórico é consolidado, com espaços públicos de pouca qualidade e um ambiente construído bastante degradado, onde reside parte da população mais necessitada. Esse conjunto histórico guarda fragmentos do período colonial, obras jesuíticas tombadas pelos órgãos federais e registros do que foi a maior cidade empório da Capitania de Sergipe D'El Rei entre finais do século XVII e o século XIX.

A sede da cidade está implantada no vale do Cotinguiba à margem do rio de mesmo nome. O povoamento que deu início a cidade surgiu em razão do porto de escala fluvial com a função de conexão entre a Capitania de Sergipe d'El Rei e a sede da Capitania da Bahia. Com a dinamização das suas funções portuárias, transformou-se em cidade empório, um dos centros mais importantes de Sergipe (NUNES; FREIRE, 1987; 1997, *apud* SOUZA, 2014,)(Ver figura 5).

**Figura 5:** Funções portuárias junto ao Rio Cotinguiba



Fonte: [www.prefeituradelaranjeiras.se.gov](http://www.prefeituradelaranjeiras.se.gov)

A partir do século XVII e durante os séculos XVIII e XIX, Laranjeiras passou a ser a cidade mais dinâmica da província. Em 1880, era o município mais próspero do Estado de Sergipe. Com 11.350 habitantes, a cidade dispunha de uma economia sólida decorrente dos seus trinta e oito engenhos. Tinha uma vida cultural pujante e um significativo patrimônio que incluíam na época treze igrejas, sendo uma delas evangélica, uma sede bancária, diversas lojas comerciais, um teatro entre outros (DANTAS, 2004 *apud* SOUZA, 2014).

Souza (2014) afirma, que apesar de possuir um alto PIB per capita de R\$ 47.506,66, quando comparado com os demais municípios de Sergipe, superando o da capital, Laranjeiras possui um dos mais elevados índices de pobreza do estado, atingindo segundo o Ibge (2003), um índice de 61,56 % da população vivendo em condições de pobreza, como resultante dessa condição acarreta fatores com a redução da qualidade de vida dessa população, poluição ambiental e ocupação de áreas de risco.

Aprofunda-se o descompasso urbano entre o crescimento da população e a capacidade de suporte do ambiente construído. Descompasso esse que contribui para ampliar e perpetuar o déficit habitacional em Laranjeiras, que atingiu em 2007 a um total de 13.636 domicílios, sendo 13.261 na zona urbana e 375 na zona rural (SERGIPE, 2011), de um lado e de outro, comprometendo de forma significativa o patrimônio urbano e a segurança da vida cidadina (SOUZA, 2014, p.9).

Ainda segundo Souza (2014), o déficit habitacional básico em Laranjeiras, relacionado à demanda acumulada, é de 846 domicílios, sendo que 158 unidades se referem à necessidade de reposição do estoque, 688 a incremento do estoque, divididos, estes últimos,

em adensamento excessivo: 42 unidades, coabitação familiar 382 unidades e ônus excessivo com aluguel 264 unidades habitacionais.

O autor chama a atenção ainda para o grande número de coabitação e de ônus excessivo com o aluguel, demonstrando a dificuldade econômica da população com relação ao acesso à habitação. Esses números estão distribuídos pela zona urbana e zona rural de acordo com a tabela 01, com exceção do ônus com aluguel que não existe na zona rural.

De acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Laranjeiras possuía uma população de 26.645 habitantes em 2010, sendo 79% moradores urbanos e 21% rurais. As pessoas com dez anos ou mais de idade com rendimentos mensais de zero até três salários mínimos somam 97,28%, revelando uma forte concentração da riqueza que tem se expressado pela precariedade habitacional e uma baixa qualidade de vida urbana para a maioria dos seus habitantes. Em 2013, o município teve sua população estimada em 28.533 habitantes, apresentando um crescimento de quase 6% nesses últimos três anos.

Atualmente, o seu Produto Interno Bruto (PIB) per capita de acordo com o IBGE (2011) é alto (R\$ 47.506,66) quando comparado com os demais municípios de Sergipe. Aracaju, por exemplo, o PIB per capita é de R\$ 15.913,40, muito inferior ao de Laranjeiras. No entanto, o município apresenta um dos mais elevados índices de incidência de pobreza do estado, atingindo em 2003, segundo o IBGE, a 61,56 % da população. O resultado dessa situação é o crescimento da pobreza e miséria, com a deterioração do patrimônio histórico construído, a precarização dos espaços públicos e degradação da qualidade de vida da maioria da população, a poluição ambiental e ocupação de áreas de risco e de interesse ambiental.

Segundo França (1999 *apud* SOUZA, 2014) o processo de industrialização brasileira, acompanhado pela modernização do campo, ajudou o crescimento da sede municipal de Laranjeiras. Porém atualmente o que se verifica é um processo perverso de exclusão social promovido pelas transformações que vêm acontecendo junto ao regime de acumulação baseado na indústria para o regime de acumulação flexível apoiado pelas novas tecnologias de informação e comunicação (COCCO, et al, 2003; CORSANI, 2003 *apud* SOUZA, 2014). Esse processo tem provocado a ampliação da pobreza e degradação das condições habitacionais da maioria da população.

Aprofunda-se o descompasso urbano entre o crescimento da população e a capacidade de suporte do ambiente construído. Descompasso esse que vem contribuindo para ampliar e perpetuar o déficit habitacional em Laranjeiras, que atingiu em 2007 a um total de 13.636 domicílios, sendo 13.261 na zona urbana e 375 na zona rural (Sergipe, 2011), de um lado e

de outro, comprometendo de forma significativa o patrimônio urbano e a segurança da vida em Laranjeiras.

Desta forma, o projeto de concepção de requalificação da Pedreira visava atender a demanda por espaços de qualidade por parte de uma população que tem seus direitos privados por conta desse processo perverso de exclusão social que estão submetidos.

#### 4.2. A Pedreira

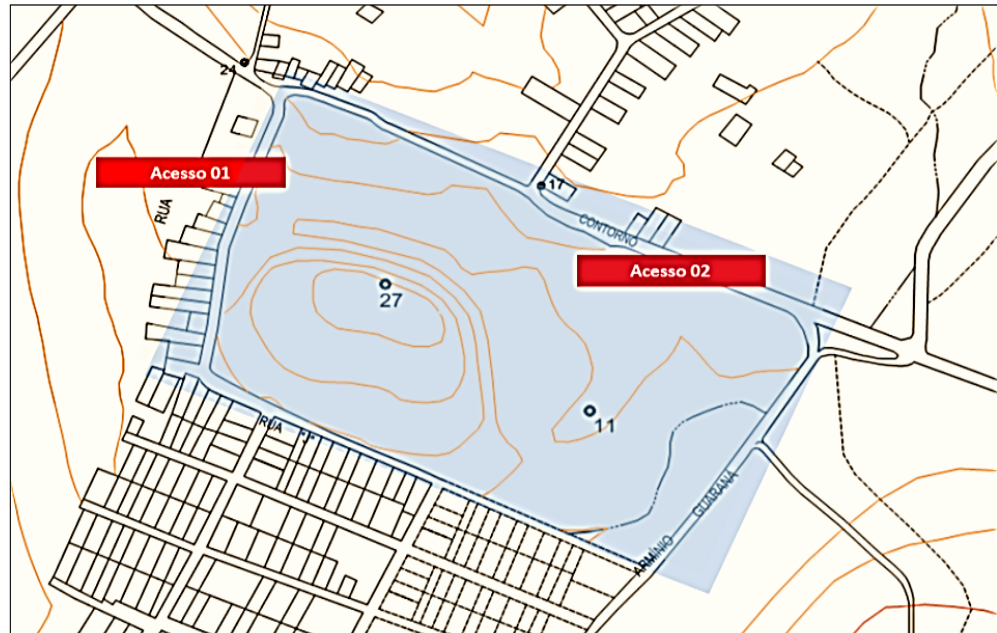
A Pedreira se localiza no Loteamento Denise Fontes, limitada pelas Ruas “L” e “J” do loteamento Denise Fontes, pela Rua Armínio Guaraná e pela Avenida Contorno Norte. O acesso à área pode ser realizado por intermédio do conjunto José Franco, do Mercado Municipal ou pela comunidade do Quintalé (Ver figuras 6-7-8 e 9).

Figura 6- Localização da Pedreira



Fonte: ADAPTADO DO GOOGLE MAPS, 2015, ACESSO DIA 06/05/2016 ÀS 15:00

**Figura 7-** Planta da Pedreira - identificação dos acessos



Fonte : ACERVO OFICINA SEMAC, 2014.

**Figura 8:** Vista da Pedreira a partir do acesso 2



Fonte: ACERVO OFICINA SEMAC, 2014.

**Figura 9- Pedreira- Acessos**

**Fonte:** ACERVO OFICINA SEMAC, 2014.

A Pedreira fazia parte da antiga Fazenda das Varzinhas de propriedade do Senhor João Vieira. Atualmente, de acordo com a Secretaria Municipal de Obras, a Prefeitura de Laranjeiras é a proprietária da área, desapropriada entre os anos de 1992 e 1993, com o objetivo de ser parcelada para a implantação de conjuntos habitacionais. Essa área só foi registrada em cartório em 2008, judicialmente. Segundo relatos da população, a Pedreira foi apropriada pela comunidade local, sem nunca ter sido explorada comercialmente, servindo como fonte de materiais de construção, especialmente para a realização de fundações.

#### **4.3 2ª Semana Cultural da UFS e a Oficina**

O projeto arquitetônico de concepção da requalificação da Pedreira foi realizado em uma oficina durante a 2ª Semana Acadêmica e Cultural da UFS (SEMAC). Este evento faz parte de um encontro anual promovido pela Universidade Federal de Sergipe, que tenta promover a integração das ações artísticas, culturais e científicas da UFS junto à sociedade. A 2ª SEMAC foi realizada durante os dias 24 a 28 de novembro de 2014 (Ver figura 10).

**Figura 10** – Cartazes da 2ª SEMAC -2014



**Fonte:** PORTAL DA UFS, ACESSO DIA 6/05/2016 AS 15:00

O evento reuniu toda comunidade acadêmica com o objetivo de integrar universidade e comunidade civil a fim de desenvolver projetos conjuntos, tratando de assuntos pertinentes à contribuição da universidade para a população.

O Departamento de Arquitetura e Urbanismo entre as atividades propostas para a semana realizou a Oficina de Requalificação da Pedreira de Laranjeiras - SE, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Antônio Santos de Souza. Essa oficina tinha como objetivo aproximar estudantes de arquitetura e urbanismo da UFS com a comunidade local, no sentido de discutir metodologias participativas que promovessem espaços inclusivos de qualidade. A semana se desenvolveu em duas etapas durante o período mencionado, nos horários da manhã de 09:00 às 13:00 hr, nos dias 25,26,27 e 28 de Novembro de 2014.

#### **4.4 O processo de concepção do projeto**

As etapas da metodologia adotada para a concepção da requalificação da Pedreira foram definidas pelos processos tradicionais que guiam os projetos acadêmicos de arquitetura. O primeiro passo foi o reconhecimento do terreno e de suas características físicas, paisagísticas e de ocupação. Assim, os alunos que participavam da oficina visitaram o local da intervenção para identificação dos condicionantes da área (Ver figura 11).

Nessa visita, foram observados os problemas de moradia e as condições espaciais precárias em que vivem a população daquela área (figura 11). Porém por outro lado, identificaram-se algumas potencialidades não encontradas em outros locais da cidade, ressalta-se entre as potencialidades, a visão contemplativa que o local possui a partir do nível

mais alto da pedraira, onde se podem admirar as igrejas seculares que marcam a paisagem do conjunto urbano tombado do município. Em destaque as igrejas de Santa Aninha e a do Bomfim, vistas do alto da Pedreira (Ver figura 12).

**Figura 11**– Reconhecimento da área da Pedreira



**Fonte:** ACERVO OFICINA SEMAC, 2014.

**Figura 12** - Destaque das igrejas de Santa Aninha a direita e do Bom fim à esquerda



**Fonte:** ACERVO OFICINA SEMAC, 2014.

A segunda etapa do processo foi a realização de uma atividade junto às crianças do Ensino Fundamental da Escola Municipal Alcino Manuel Prudente, entre 8 e 12 anos, idades sugeridas pela diretora aleatoriamente (ver figuras 13-14-15-16), a fim de levantar dados para dar suporte a elaboração de um programas de necessidades para o projeto de requalificação da

Pedreira. A escola teve sua escolha determinada por atender as crianças dos conjuntos habitacionais da cidade e está localizada na região onde está situada a Pedreira.

Para tanto, foi solicitado às crianças que desenharem em uma folha de papel a sua casa e, do outro lado da mesma folha, a moradia desejada. Destacou-se, como elemento predominante nos desenhos, a presença da residência junto a uma árvore. Alguns desenhos apresentaram detalhes como corações, animais de estimação e a própria família, que foram interpretados como carências afetivas dessas crianças. A presença da árvore, em função da pouca arborização existente em Laranjeiras, representa, talvez, o desejo por áreas livres e sombreadas.

**Figura 13** – Visita do grupo da oficina à Escola Municipal Alcino Manuel Prudente



**Fonte:** ACERVO OFICINA SEMAC, 2014

A representação da moradia desejada foi acompanhada predominantemente pelo desenho de um campo de futebol, que foi interpretado como indicador da necessidade de espaços públicos voltados ao lazer e ao convívio social. É bem verdade que, em Laranjeiras, predomina a falta de espaços públicos de qualidade, o que levou o grupo à interpretação apresentada.

**Figura 14** – Visita do grupo da oficina à Escola Municipal Alcino Manuel Prudente



**Fonte:** ACERVO OFICINA SEMAC, 2014.

**Figura 15** – Visita do grupo da oficina à Escola Municipal Alcino Manuel Prudente.



**Fonte:** ACERVO OFICINA SEMAC, 2014.

**Figura 16** – Visita do grupo da oficina à Escola Municipal Alcino Manuel Prudente



**Fonte:** ACERVO OFICINA SEMAC, 2014.

De acordo com Souza (2014), no decorrer das discussões acerca do projeto, foi questionada a representatividade dessas crianças para a elaboração de um programa de necessidades, relacionado a espaços públicos. Percebeu-se, então, que ficaria bastante limitado dimensionar uma área pública a partir, unicamente, do imaginário infantil, assim, o debate evoluiu para encontrar formas alternativas para a definição das atividades a serem desenvolvidas no espaço da antiga Pedreira. (figura 17)

**Figura 17** – Debate em grupo na tentativa de desenvolver um programa de necessidades



**Fonte:** FOTO DE CARLOS IURI PEREIRA SANTOS, 2014.

Dando continuidade às discussões, ainda nessa segunda etapa, foi desenvolvida uma pesquisa sobre intervenções de requalificações em pedreiras semelhantes em todo o mundo (figura 18) para oferecer referências ao debate. Dessa forma, foram escolhidos projetos na China, Áustria, Canadá e no Brasil. Os projetos analisados possuíam características diferentes da realidade de Laranjeiras, embora as soluções analisadas apresentassem ocupações interessantes e um sistema de conexão bastante eficiente, entre os diversos setores ocupados, como forma de intensificação dos eventos propostos, o que poderia ser adotado para Laranjeiras.

Destacam-se, ainda, na avaliação dessa pesquisa, os espaços propostos para o desenvolvimento de atividades como a leitura, agricultura urbana, lazer, entre outros, bem como a fluidez dos ambientes, permitindo a multifuncionalidade das atividades, fugindo da rigidez monofuncional. Outro aspecto relevante identificado foi a qualidade dos espaços públicos com relação ao design e ao tratamento da paisagem.

**Figura 18** – Apresentação de Requalificações de Pedreiras pelo mundo



**Fonte:** ACERVO OFICINA SEMAC, 2014.

Após a avaliação das pedreiras semelhantes, e com a constatação de que o projeto não poderia ser concebido da forma tradicional, o processo de concepção de requalificação da Pedreira tomou um novo rumo. Nessa direção, identificou-se que era necessário incorporar a dúvida, a falta de informações e a complexa dinâmica social ao processo de criação. Portanto passou-se a discutir a possibilidade de se associar ao conceito de projeto, as figuras de linguagem propostas por Jacques (2001): rizoma, labirinto e fragmento, abandonando as etapas tradicionais previstas no processo de concepção da requalificação da pedreira.

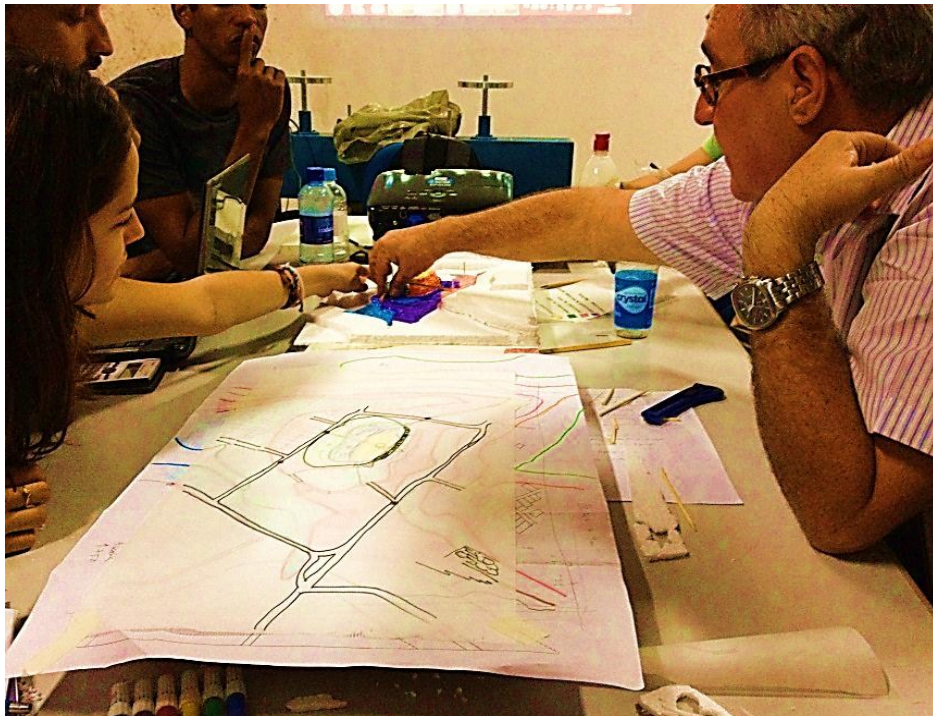
O projeto de concepção da Pedreira passou a ser compreendido como um processo. A forma seria algo secundário que iria sendo incorporada de acordo com as demandas emanadas da dinâmica social, a partir das figuras de linguagem propostas por Paola Jacques Berenstein. A partir desse momento, o foco se direcionou ao processo em detrimento da forma, ou seja, significa que o projeto tem começo, meio, porém não tem fim – sempre há a possibilidade de serem introduzidas novas atividades de acordo com as demandas sociais. (Ver figuras 19 e 20)

**Figura 19** – Estudos e Experimentações do Processo



**Fonte:** FOTO DE CARLOS IURI PEREIRA SANTOS, 2014.

**Figura 20** – Estudos e Experimentações do Processo



**Fonte:** FOTO DE CARLOS IURI PEREIRA SANTOS, 2014.

Nessa perspectiva, a requalificação da Pedreira se direcionou na busca de um sistema que promovesse a unidade da totalidade do projeto. Ou em outras palavras, a criação de

ligações entre as diferentes áreas da Pedreira localizadas em níveis distintos (Ver figuras 20-21).

#### **4. 4.1 A Pedreira enquanto demanda arquitetônica**

Na sequência de discussões sobre a demanda arquitetônica da Pedreira, a função da geografia do terreno, revelou que era necessário se criar um sistema de acessibilidade com o objetivo de integrar a totalidade do projeto. Essa compreensão foi desenvolvida junto às discussões acerca da avaliação da oficina realizada com alunos do Ensino Fundamental, com idade entre 8 e 12 anos.

Para dar suporte a análise das condições físicas da área, foi elaborada uma maquete, utilizando isopor (ver figuras 22-23), tendo como referência mapas altimétricos, fornecidos pela Prefeitura Municipal de Laranjeiras, e as fotografias coletadas para conhecimento das grandes diferenças de nível do terreno, que tem variação de até 16 m de altura.

Em seguida, foram discutidas as possibilidades projetuais das diferentes plataformas em níveis e pintadas na maquete, com diferentes cores, indicando as zonas que em foram classificadas: zonas de oportunidades visuais, de lazer, de apoio, de atividades sociais e aquáticas (Ver figuras 21-22 e 23).

Tal classificação teve como referências a topografia, os aspectos paisagísticos, a acessibilidade e as moradias do entorno. Essa classificação não teve a intenção de definir funções, e se restringiu a avaliar o potencial da configuração física e urbana do terreno. Essas funções serão definidas a *posteriori*, à medida que a população local se aproprie dessas zonas.

**Figura 21** – Identificação das potencialidades de cada nível



Fonte: ACERVO OFICINA SEMAC, 2014.

**Figura 22** – Maquete representativa com identificação dos níveis



Fonte: ACERVO OFICINA SEMAC, 2014.

**Figura 23** – Maquete representativa com identificação dos níveis



Fonte: ACERVO OFICINA SEMAC, 2014.

Nesse momento, nota-se que a diferenciação de nível cria distintas possibilidades de ocupação projetual da Pedreira, levando ao entendimento de que a acessibilidade, compreendida como um sistema poderia vir a ser o elemento que traria a unidade desejada. Com esse entendimento, recorrendo à maquete, foi realizada uma série de simulações, utilizando palitos (de churrasco e de dente), unindo os diferentes níveis da Pedreira e definidos os acessos principais. À medida que os níveis eram conectados, discussões eram desencadeadas sobre o sentido e desdobramentos dessas ligações. Após várias discussões o sistema foi concebido com o objetivo de integrar os níveis da Pedreira e promover a ocupação rizomática, labiríntica e fragmentada do projeto e, ao mesmo tempo, conceder unidade a ele.

Definem-se, então, os caminhos e ferramentas que desencadearão o processo de ocupação da Pedreira: as figuras de linguagem e o sistema de acessibilidade. Esses elementos deverão orientar esse processo, a partir das oportunidades estabelecidas para cada nível.

Farão parte desse processo projetos complementares concebidos na forma de sistemas para acompanhar e realçar o sistema projetado predominante. Destacam-se os projetos de infraestrutura urbana, paisagístico – vegetação, e social – formas de levar a comunidade local a participar da definição das estratégias arquitetônicas e urbanísticas proporcionadas pelas oportunidades definidas anteriormente.

Com esse entendimento, o projeto arquitetônico torna-se um processo de criação de espaços públicos de inclusão social. Trata-se de um mecanismo que integra a população envolvida a um método participativo de definição e apropriação dos espaços de possibilidades de projeto da pedreira, estruturado pelo Projeto de Requalificação. Assim, foram identificados, a partir da análise das características topográficas, geométricas e paisagísticas de cada nível da pedreira, cinco espaços de possibilidades de projetos arquitetônicos: o espaço de oportunidades visuais, o espaço de oportunidades de lazer, o espaço de oportunidades de apoio e manutenção, espaços de oportunidades de atividades sociais e o espaço de oportunidades aquáticas.

O espaço de oportunidades visuais está situado na cota mais elevada da pedreira, proporcionando uma visão ampla de toda a cidade. Permite, entre outras atividades, a implantação de mirante, recreação lúdica, pontos de alimentação e passeios.

O espaço de oportunidades de lazer está localizado entre o nível de oportunidades visuais e atividades sociais. É uma área acidentada que permite a implantação de atividades esportivas específicas para essa topografia bem como sementeiras, hortas e pomares.

O espaço de oportunidades de Apoio e Manutenção está localizado no nível intermediário entre o nível de oportunidades visuais e o nível de oportunidades de lazer. Permite a implantação de equipamentos de prestação de serviços à comunidade, tais como posto de saúde, creche, entre outros e equipamentos necessários à manutenção da Pedreira.

O espaço de oportunidades de sociais está localizado na cota mais baixa da Pedreira isenta de alagamentos. A sua área plana possibilita a implantação de academia de ginástica, equipamentos de esportes variados, pistas de *cooper*, bicicleta, *skate*, entre outros, tendo como foco a integração social e o desenvolvimento de laços orgânicos comunitários.

O espaço de oportunidades aquáticas está situado na cota mais baixa da pedreira. É uma área alagadiça que permite o desenvolvimento de atividades ligadas à piscicultura e a carcinicultura e atividades de lazer náuticas. Museu, lago arqueológico, teatro e dança.

#### **4. 4.2 Teorização: rizoma, fragmento, labirinto e Sistemas.**

A procura por soluções projetuais, dentro da proposta de requalificação da Pedreira de Laranjeiras, acarretou diversas discussões e questionamentos ligados ao exercício da arquitetura. Em primeiro lugar, encontrar recursos viáveis para a proposta de um espaço que se solidifique enquanto ambiente integrado à comunidade, onde a identificação e o reconhecimento atraíam a população, era um dos grandes desafios. Como fazer surgir esse espaço atraente? Como torná-lo consonante com seu entorno, seja este natural ou social? Em

segundo lugar, propor um recurso que seja autossuficiente, sustentável, no sentido de não cair em desuso no decorrer do tempo e que seja capaz de manter sua qualidade projetual em longo prazo. Como manter esse ambiente ativo em suas características? De que maneira assegurar que tal espaço conserve sua atividade e permaneça vivo?

A oficina, e principalmente a experiência com as crianças da Escola Municipal Alcino Manuel Prudente mostrou as restrições em consideração aos perfis populacionais presentes na área de estudo que queria ser realizada como espaço público pertencente a todos.

Percebeu-se, assim, a necessidade de propor formas não convencionais de projeto, para que esta definição de atividades a serem desenvolvidas no espaço da antiga Pedreira aconteça de forma verdadeira e que não esteja acoplada apenas ao imaginário de um segmento da população, tampouco apenas ao imaginário racional simplista projetual, ou seja, imposições baseadas em regras de qualidade a ser seguida a risca prevendo usos e destinos pré-definidos pelo próprio projeto.

Segundo Souza (2014), os pontos críticos e, ao mesmo tempo, norteadores de tal projeto, foram a dúvida, a falta de informações e a complexa dinâmica social. Ainda esses pontos exigiam uma nova forma de concepção, diferente da básica e tradicional, onde o processo de criação é guiado por funções pré-estabelecidas. No caso da Pedreira, a incerteza de atividades nasce em detrimento da ilusão por definições concretas.

Dessa maneira, o projeto passou a ser compreendido como um processo, detentor de uma proposta inicialmente indefinida e, justamente por isso, capaz de atender às demandas mutáveis e temporárias da população.

A iniciativa foi de incorporar ao projeto as figuras de linguagem sugeridas por Paola Berenstein em seu livro “Estética da Ginga”: fragmento, labirinto e rizoma.

De acordo com Souza (2014), os três termos contrapõem-se à realidade efêmera que compõe o projeto tradicional. O fragmento consiste em pequenas partes isoladas que, quando unidas, compõem um todo. Este todo resultante não possui um objetivo estético final, um projeto propriamente dito, sendo, portanto variável: à medida que as pequenas partes vão sendo trocadas, o todo também é consequentemente modificado.

O labirinto, por sua vez, é o fragmento em maior escala: a ligação irracional entre pedaços de eixos da forma ao caminho, a falta de um objetivo final e a indefinição do ponto de chegada são resultados de uma espontaneidade de trajetórias, de fluxos que nascem com naturalidade e que se modificam com a mesma facilidade (ver figura 25).

Segundo Jacques (2001), o rizoma funciona como uma rede transitória e irregular, que está sujeita às alterações de fragmentos e labirintos, formando no plano urbano uma teia de possibilidades flexíveis.

E o último conceito usado o sistema seria o resultado da totalidade do projeto, sendo a forma relegada a uma categoria secundária, assim como acontece com os demais conceitos passaria a ser incorporada de acordo com a demanda paulatinamente empreendida pela dinâmica social, mantendo a vida do espaço renovada na constante mudança, moldável a vontade da população a quem serve. É de fato um sistema que reúne característica de flexibilidade que possibilita a renovação cíclica como motor da vida em um processo duradouro e indeterminável (TARDIN, 2008)(ver figura 25). Esse sistema, em última análise, seria o conjunto de elementos arquitetônicos relacionados com a acessibilidade das zonas propostas, tendo em vista permitir a fruição da proposta de requalificação da Pedreira de forma rizomática, fragmentada e labiríntica, atendendo as demandas da comunidade local. Nesse sentido, adotou-se o conceito de sistema como resultado da totalidade do projeto. A concepção da forma de projeto, então, foi relegada a uma categoria secundária. Assim, como acontece com os demais conceitos passaria a ser incorporada de acordo com a demanda paulatinamente sugerida pela dinâmica social, mantendo a vida do espaço sempre renovada.

#### **4.4.3 Resultado obtido**

A oficina terminou os seus trabalhos, construindo uma hipótese na qual o desenvolvimento da requalificação da Pedreira - se exige um experimento: uma ação concreta junto à comunidade local. O produto dessa oficina, então, foi a definição de espaços potenciais que devem contribuir para a mobilização da comunidade local no sentido de realizar ações de resistência. São ações que venham a colaborar para a construção de espaços públicos urbanos de qualidade. Essas ações de resistências deverão motivar a população por meio do desenvolvimento de atividades culturais que a estimulem e permitam a discussão da ocupação e deem visibilidade às reivindicações para a área da Pedreira, tendo como referência a proposta de ocupação potencial da Pedreira realizada na oficina (Ver Figuras 24-25 e 26).



**Figura 26** – Simulação: Espaços Potenciais e Sistemas



Fonte: ACERVO OFICINA SEMAC, 2014.

Assim, foram identificados, a partir da análise das características topográficas, geométricas e paisagísticas de cada nível da pedra, cinco espaços de possibilidades de projetos arquitetônicos: o espaço de oportunidades visuais, o espaço de oportunidades de lazer, o espaço de oportunidades de apoio e manutenção, espaços de oportunidades de atividades sociais e o espaço de oportunidades aquáticas.

O espaço de oportunidades visuais está situado na cota mais elevada da pedra, proporcionando uma visão ampla de toda a cidade. Permite, entre outras atividades, a implantação de mirante, recreação lúdica, pontos de alimentação e passeios (Ver Figura 22).

O espaço de oportunidades de lazer está localizado entre o nível de oportunidades visuais e atividades sociais. É uma área acidentada que permite a implantação de atividades esportivas específicas para essa topografia bem como sementeiras, hortas e pomares (Ver Figura 22).

O espaço de oportunidades de Apoio e Manutenção está localizado no nível intermediário entre o nível de oportunidades visuais e o nível de oportunidades de lazer. Permite a implantação de equipamentos de prestação de serviços à comunidade, tais como posto de saúde, creche, entre outros e equipamentos necessários à manutenção da Pedreira (Ver Figura 22).

O espaço de oportunidades de sociais está localizado na cota mais baixa da Pedreira isenta de alagamentos. A sua área plana possibilita a implantação de academia de ginástica, equipamentos de esportes variados, pistas de *cooper*, bicicleta, *skate*, entre outros, tendo como foco a integração social e o desenvolvimento de laços orgânicos comunitários (Ver Figura 22).

O espaço de oportunidades aquáticas está situado nas cotas mais baixa da Pedreira. É uma área alagadiça que permite o desenvolvimento de atividades ligadas à piscicultura e a carcinicultura e atividades de lazer náuticas. Museu, lago arqueológico, teatro e dança (Ver Figura 22).

## 5. UM PARADIGMA DIFERENTE

O processo proposto na requalificação da antiga Pedreira de Laranjeiras - SE, sem dúvida, adota princípios contemporâneos que evidenciam uma forma diferente de fazer arquitetura. É um processo que foge do pensamento racionalista, herdado do Iluminismo, muito embora, não explicita tal ação. Trata-se de um processo que incorpora ao projeto de requalificação as figuras de linguagem criadas por correntes filosóficas contemporâneas, bem como se integra a outros campos do conhecimento, tornando essa atividade multidisciplinar em sua essência.

A adoção da visão rizomática, labiríntica e fragmentária da sociedade contemporânea que se expressa também na concepção de projeto arquitetônico, levou a oficina objeto de estudo, a partir do entendimento de como é excludente a cidade de Laranjeiras, a assumir uma estratégia projetual diferente da tradicional, imprimindo um processo novo de intervenção socioespacial e resistência de uma população historicamente espoliada, como forma distinta de fazer projeto de arquitetura. É uma forma que incorpora à arquitetura outros caminhos que vão além do projeto convencional.

O resultado desse processo, na verdade, foi uma provocação, uma abertura para uma discussão a muito desejada social e espacialmente. Não se trata de um projeto acabado em si mesmo, e sim o desenvolvimento de um processo ou a reunião de possibilidades espaciais que trazem o conceito de rizoma, labirinto e fragmento para o campo da resistência real da população excluída de Laranjeiras, reunidas em um sistema de acessibilidade integrado.

Além disso, a oficina desenvolveu um estudo que se transformou em ferramenta para a criação de espaços públicos de inclusão social com qualidade para as cidades brasileiras que tanto carecem de intervenção. Sem dúvida, é um primeiro passo para a mobilização dessa população para direcionar os anseios e forças dispersas em um movimento de resistência às condições apresentadas e estabelecidas, como forma de alternativa do exercício do poder local.

A provocação socioespacial, ou incitação, ou mesmo projeto, como se preferir, com certeza, foi realizada de forma diferente da protagonizada pelo legado Iluminista e pelo Modernismo na arquitetura, não utilizando a metodologia enraizada no método moderno de conceber projetos, determinado pela Era da Máquina e suas premissas pré-estabelecidas e padronizadas.

Enfim, a proposta da oficina coincide com as colocações recentes de grupos de arquitetos e urbanistas que se apresentam contra os métodos tradicionais de fazer arquitetura.

Sem dúvida, é crescente o número de propostas arquitetônicas e urbanísticas diferentes das tradicionais e crescem também os números de grupos com a intenção de modificar a prática da arquitetura, como por exemplo, o grupo Agência Espacial, que incentiva outras maneiras de conceber arquitetura.

Para esse grupo, liderado pelo inglês Cedric Price, suas atividades começaram com a crença de que um edifício não é necessariamente a melhor solução para um problema espacial. Essa Agência, da mesma forma da oficina de Requalificação da Pedreira, tenta descobrir uma segunda história da arquitetura que se move bruscamente longe da figura do arquiteto como herói individual e o substituí por uma abordagem muito mais colaborativa em que os agentes atuam com e em nome de outros.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Oficina de Requalificação da Pedreira abriu as portas para uma discussão há muito preterida pelas academias, revelando, dessa forma, que é possível conceber projetos alinhados com o pensamento contemporâneo, sem se comprometer com o grande capital, assimilando as dúvidas, tais como a possibilidade de execução ou a apropriação das experimentações de projeto por parte da população, recorrendo a conhecimentos de outras áreas, tais como filosofia, sociologia e geográfica, entre outras, a fim de se obter suporte para agir frente à essa realidade líquida contemporânea, como diria Bauman. Tendo assim como princípios as incertezas e a complexidade do mundo atual não mais como inimigos para a realização do projeto de arquitetura, mas como fundamentos a serem levados em conta na sua elaboração, no sentido de criar dispositivos para servir a população.

Então, com a realização deste trabalho, espero que tenha contribuído como um alerta para o academicismo, propondo uma avaliação dos princípios teóricos da arquitetura, já que a universidade é um dos poucos lugares onde essa crítica pode ser feita e explorada de forma independente, partindo do seguinte questionamento: o que se está discutindo nas disciplinas de projeto arquitetônico tem algum reflexo fora dos computadores? Ou seja, se a forma de projetar que ainda prioriza a função do objeto arquitetônico como princípio de projeto, em detrimento da realidade concreta, representa resposta satisfatória à complexidade da sociedade atual, líquida e plural. Assim, como o experimento se propõe, espero que essas iniciativas tenha um começo, mas que não terminem no final desse trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. Tradução de Nadia Somekh. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
- BANHAM, Reyner. **Teoria e projeto na primeira era da máquina**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BERNSTEIN, R. (Ed) (1985): **Habermas and modernity**, Oxford
- BRAHAM, W. (2000). **After Typology: the suffering of diagrams**. University of Pennsylvania Scholarly Commons. Retrieved from [http://repository.upenn.edu/arch\\_papers/24](http://repository.upenn.edu/arch_papers/24). Acessado em 6/05/2016 as 23:00
- CASINI, P., **Scienza, utopia e progresso**. Profilodell Illuminismo, Bari: Laterza, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática,
- COCCO, Giuseppe, SILVA, Geraldo e GALVÃO, Alexander Patez. **Introdução: conhecimento, inovação e rede de redes**. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). **Capitalismo cognitivo: trabalho, redes e inovação**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: PD&A, 2003.
- CORSANI, Antonella. Elementos de uma ruptura: a hipótese do capitalismo cognitivo. In: COCCO, Giuseppe, SILVA, Geraldo e GALVÃO, Alexander Patez (orgs.). **Capitalismo cognitivo: trabalho, redes e inovação**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: PD&A, 2003.
- DANTAS, Iberê. **História de Sergipe república (1889-2000)**. Laranjeiras: Edições Tempo Brasileiro LTDA, 2004.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUARTE, R. B. . **Radicalizando por diagramas: Por favor, devagar no mar agitado das novidades**. Arqutextos (São Paulo), v. 152.05, p. p.0, 2012. disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/12.143/4275> acessado em 06/05/2016 as 21:00
- EINSENMAN, Peter, **Blue line text**, texto da Reeditado pela Revista Au, 2001
- FRANÇA, Vera Lúcia Alves. **Aracaju, estado e metropolização**. São Cristóvão, Se: Editora UFS , Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.
- FREIRE, Felisbelo. **História de Sergipe**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- DE MASI, Domenico, **O futuro chegou** / Domenico de Masi ; [tradução Marcelo Costa Sievers]. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2013.

GRILLO, A. C. Dutra. **Funcionalismo complexo**, Artigo publicado em Colóquio MOM 2007. 19.p

HABERMAS, Jürgen, **Modernity: incomplete project**. In H. Foster( ed). 1983

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 13 ed. São Paulo: Edições Loyola. 2004

JACQUES, Paola Berenstein, **Estética da ginga: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica-Rio de Janeiro**; Casa da Palavra, 2001;

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo – a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

MARTÍNEZ, Alfonso Corona, **Ensaio sobre o projeto/ Alfonso Corona Martínez**; tradução de Ane Lise Spaltemberg; revisão técnica de Silvia Fisher. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2000.

MONTANER, Josep Maria. **Arquitetura e crítica**. Barcelona: Gustavo Gili, 2007.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ Zaida, **Arquitetura e política**, Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

NESBITT, Kate, **O Campo ampliado da arquitetura: antologia teórica(1993-2009)**. 1ed COSAC NAIFY, 2006

NUNES, Maria Thétis. **Sergipe colonial I**. Sergipe: UFS/Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

PICON, A. (2010). **Digital culture in architecture: an introduction for the design professions**. Basel: Birkhäuser.

SCHEEREN, R.. **Cruzamentos filosóficos em processos de projeto na arquitetura contemporânea: Gilles Deleuze e Peter Eisenman**. In: Seminário dos Estudantes de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, 2003. Anais do Seminário dos Estudantes de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar. São Carlos : UFScar. v. 10. p. 353-363. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/05/33-Rodrigo-Scheeren.pdf> acessado em 14/04/2016 as 15:50

SERGIPE. **Plano estadual de habitação de interesse social do estado de Sergipe - PEHIS**. Governo do Estado de Sergipe, 2011.

SOUZA, Fernando Antônio. **Avaliação da Semana Cultura 2014**, 2014, Digitado.

\_\_\_\_\_. **Diagnóstico das Condições Habitacionais de Laranjeiras-SE: Relatório de Pesquisa**, UFS. 2014.

\_\_\_\_\_. **O projeto de arquitetura na era da máquina a na era pós-industrial**, 2016, Digitado

SPERLING, DAVID MORENO; SCHEEREN, RODRIGO. **Dos Diagramas aos Parâmetros**: transformações no design digital. In: XVII Conference of the Iberoamerican Society of Digital Graphics SIGraDi: Knowledgebased Design, 2007, Valparaiso. Proceedings of the XVII Conference of the Iberoamerican Society of Digital Graphics - SIGraDi: Knowledge-based Design. p. 262-268.

disponível em : <http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/43951/Scheeren-Sperling-Anais.pdf?sequence=1> acessado em 14/04/2016 as 15:55

LYNN, Greg. **Architectural curvilinearity** - the folded, the pliant and the supple. In: Folding in Architecture. London: AD, 2009.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**; Tradução: Ricardo Corrêa Barbosa; posfácio: Silvano Santiago-12<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

TARDIN, Raquel. **Espaços livres**: sistema e projeto territorial. 1ed 7 Letras, p.255, 2008

TSCHUMI, Bernard. **Architecture and disjunction**. London: The MIT Press, 2008.